

RESUMO

Reflexão sobre a Arqueologia, a formação teórica e o trabalho do arqueólogo, enfatizando a sua integração com os estudos de cultura material e relação simbiótica entre o presente e o passado cada vez mais presente na Arqueologia contemporânea.

Para o autor, o futuro da disciplina estará no seu papel enquanto intermediária entre a criatividade e a materialidade, integrando a pluralidade dos conceitos atuais de cultura material: matéria, simbolismo, agência, valorização, durabilidade, sensação, funcionalidade, arte e imaginação. O uso cada vez mais frequente de novas tecnologias e técnicas de caracterização dos materiais, menos destrutivas, estabilizará também a Arqueologia enquanto domínio pluridisciplinar para o estudo da cultura material.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Contemporânea; Teoria arqueológica; Etnoarqueologia; Cultura material; Sociedade.

ABSTRACT

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

PALAVRAS-CHAVE: XXXXXXXXXXXXXXXX

RÉSUMÉ

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

PALAVRAS-CHAVE: XXXXXXXXXXXXXXXX

A Arqueologia Continua...

Gonçalo de Carvalho Amaro ¹

A ABRIR

“Topsius confessou que íamos ao templo, por motivos intelectuais de arte, de arqueologia...”
Eça de Queirós, *A Relíquia*.

Confesso que fiquei surpreendido com o convite para escrever neste número comemorativo da revista *Al-Madan*, pois, desde que regresssei do Chile, tenho estado afastado do “circuito arqueológico nacional”. Esta ausência obriga a que este texto integre um exercício de reflexão sobre o meu percurso na disciplina. Pediram-me que o enfoque fosse a Arqueologia numa perspetiva de futuro; noto nesse exercício que, para mim, a Arqueologia foi sempre vista como futuro, uma constante reativação criativa do conhecimento.

Desde que tenho memória que me recordo de afirmar que queria ser arqueólogo, provavelmente, como muitos da minha geração, influenciado pelo encantamento da figura do Indiana Jones. A minha família, sabiamente, fez de tudo para me demover dessas intenções e fê-lo até de forma bastante educativa. Assim, com 14 anos, levaram-me a experimentar o que era ser arqueólogo na cidade romana da *Ammaia* (Marvão). Durante muito tempo apenas carregava baldes à torreira do sol. Ainda assim, não conseguiram que alterasse a minha opinião e, até entrar para a universidade, passei a ir todos os verões escavar para a *Ammaia*. Com 15 anos, inscreveram-me, aos fins de semana, num curso de introdução à Arqueologia, lecionado pela Arqa - Associação de Arqueologia da Amadora. Ainda hoje, creio que aprendi mais sobre a Arqueologia nesse curso de dois meses do que nos quatro anos de estudo na Universidade Nova de Lisboa. Essas duas experiências fizeram-me perceber que a Arqueologia real é muito diferente, comparativamente com os filmes do Indiana Jones; havia menos aventura, mas maior reflexão, comprometimento e diálogo.

A Universidade Nova de Lisboa (no início do milénio) trouxe alguma desilusão. O modo como estava estruturada a variante de arqueologia na altura, sem cadeiras de análise e metodologia e, sobretudo, sem cadeiras práticas, tornava o curso insipiente, a roçar o antiquariato. Não se assemelhava ao que tinha visto em terreno, ao que aprendi nos voluntariados que fiz em museus, nem com o que lia em textos de autores estrangeiros.

¹ Investigador integrado no Instituto de História Contemporânea / Universidade Nova de Lisboa e professor convidado na Pontifícia Universidad Católica de Chile.

Por opção do autor, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Essa ausência de estruturação metodológica levava a que alguns alunos de Arqueologia acabassem por se identificar mais com a maior preparação dos professores de História. Fui um dos que estive prestes a fazer essa passagem para História, mas o meu interesse estava consolidado nos objetos e na sua relação com os seres humanos. Sempre me fascinaram os museus e as construções antigas, os castelos como o de Marvão, de onde é originária a minha família, os objetos antigos que os meus avós tinham em casa e nas histórias que contavam através do seu silêncio. Foi assim que, com naturalidade, decidi continuar os meus estudos de Arqueologia no estrangeiro. Desde cedo comecei a colaborar com o Instituto Arqueológico Alemão nas campanhas de verão no povoado do Zambujal (Torres Vedras). Acabei assim por chegar a Madrid em 2005. Foi nessa cidade que voltei a ter entusiasmo pela Arqueologia e a perceber outras possibilidades de investigação, como a Arqueometria, a Arqueologia experimental e a Etnoarqueologia, tudo sempre alicerçado tanto numa componente prática como teórica. Realizei uma tese de doutoramento na primeira área, mas fiquei fascinado com as duas últimas, de tal modo que parti, em seguida, para a América do Sul para trabalhar em projetos nessas áreas. No Chile, tive a possibilidade de trabalhar com comunidades mapuche, tive ainda a sorte de formar alunos rapanui e mediar um processo de entrega de terras nesta última comunidade e na sua ilha de origem, mas sobretudo percebi, através do contacto com colegas e com essas mesmas comunidades, que a Arqueologia pode, também, possibilitar novas aproximações metodológicas ao Património, aos museus e ao desenvolvimento das sociedades.

ARQUEOLOGIA, MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES: UMA REFLEXÃO

A ausência de reflexão na universidade sobre a função da Arqueologia sempre me deixou bastante inseguro nas minhas passagens pelo estrangeiro e levou-me, de alguma maneira, a tentar estruturar o meu pensamento. Fi-lo sobretudo a partir de três ensaios que publiquei em castelhano: sobre o que procuramos no artefacto, a pessoa ou a materialidade (CARVALHO-AMARO, 2014b); sobre o posicionamento da Arqueologia entre as ciências sociais e as naturais (CARVALHO-AMARO, 2017); e sobre o papel da Arqueologia enquanto a disciplina dos objetos (CARVALHO-AMARO, 2014a). Este texto pretende ser uma síntese de todos eles.

Em texto anterior publicado nesta revista (CARVALHO-AMARO, 2013), referia que o estudo da cultura material se tornou moda, despertou o interesse de outras disciplinas e campos académicos. O estudo dos artefactos deixou de ser um assunto exclusivo dos arqueólogos e é atualmente um dos principais tópicos de discussão em diferentes especialidades; da Sociologia à Psicologia e da História à Filosofia (nesses manás que são a história e a filosofia da Ciência). O impacto desta “intromissão” no

métier e os efeitos na Arqueologia foram já detalhadamente descritos em texto de Dan Hicks (2012). Parece-me, contudo, importante fazer aqui (ainda que sucintamente) um pequeno apanhado da evolução do pensamento arqueológico, e também de algumas ideias de futuro para a disciplina a partir das reflexões apresentadas nos três ensaios que referi anteriormente.

Embora seja verdade que, durante muito tempo, a maioria das propostas arqueológicas estavam centralizadas nas tipologias de objetos – como se pode constatar pelos trabalhos de Montelius, Worsae, Pitt-Rivers, entre outros –, na atualidade, a Arqueologia apresenta uma maior diversidade de interesses e, de certo modo, tem sido capaz de expandir as suas áreas de ação, a fim de resolver o problema do silêncio dos artefactos, aspeto muito atual para as novas propostas de estudo da cultura material (OLSEN, 2012a; INGOLD, 2007). Com o tempo, a Arqueologia foi-se transformando numa disciplina mediadora, capaz de servir de intermediária entre as ciências sociais e as ciências naturais, entre o presente e o passado, e entre a matéria e a ação humana. Entendemos que é precisamente essa característica, essa capacidade de mediação, que torna a Arqueologia uma disciplina de futuro e com um papel importante para compreender os processos de interligação entre seres humanos e objetos, no quadro plural das suas relações.

Seguindo os cânones, poderíamos definir a Arqueologia como uma ciência social que tenta, através da cultura material que nos rodeia, contribuir para o conhecimento da História dos seres humanos no planeta. Neste sentido, a Arqueologia abandonou há muito tempo – há aproximadamente 70 anos – o seu objetivo inicial de estudar as antiguidades, para assumir como âmbito do seu estudo a totalidade do espaço planetário (os diferentes espaços terrestres e submarinos) e o tempo histórico (não só o passado, mas também o tempo presente). No entanto, esta complexidade de fatores levou a Arqueologia a abrir-se a outros caminhos para além da esfera social, principalmente porque a maioria dos artefactos arqueológicos em si fornecem pouca informação social, chegam até nós sem presença humana e, muitas vezes, transfigurados, fragmentados, se bem que, por vezes, é difícil inferir a base da sua relação com o ser humano que os utilizou ou fabricou, como se regressassem ao seu estado primário de matéria. Esta relação com a materialidade e com o espaço planetário aproximou também a Arqueologia das ciências naturais, transformando-a gradualmente, como Peter Kosso salientou, numa disciplina na fronteira entre as ciências sociais e naturais (Kosso, 1991: 621). A sua presença em terreno, tanto em ambiente urbano ¹ como rural, leva a que a sua fundamentação não se materialize apenas no conhecimento histórico ou das ciências sociais.

¹ A complexidade deste contexto, com várias sobreposições e fases de ocupação, trouxe o surgimento de uma das ferramentas mais importantes da metodologia arqueológica contemporânea: o uso das unidades estratigráficas e de uma matriz que expressasse a sucessão temporal e a sequência de deposição em sítios arqueológicos, conhecida como matriz de Harris.



Foro: Gonçalo de Carvalho Amaro, janeiro de 2013.

FIG. 1 – A Arqueologia realiza-se cada vez mais em ambiente urbano. Exemplo de escavação urbana no claustro da Catedral de Santiago do Chile, onde viria a ser descoberto um assentamento incaico.

Constatamos, assim, que a Arqueologia se pode apresentar como uma disciplina *per se* interdisciplinar. Podemos inclusivamente afirmar que não é uma proposta recente, mas sim uma espécie de tradição da própria disciplina. Basicamente, poderíamos associar o estabelecimento deste “costume multidisciplinar” a duas figuras: Vere Gordon Childe e Willard Libby. O primeiro é praticamente o pai da “refundação” da Arqueologia. Com ele, a disciplina pôde estabelecer-se autonomamente e apresentou-se como uma alternativa viável à História e à Geologia para o estudo das sociedades sem registo escrito; deixou de ser apenas uma atividade de antiquários, de especialistas em tipologias, capazes de identificar cronologias nas características tipológicas presentes nos objetos do passado, como o faziam Worsaae, Hildebrand, Montelius, Hallstrom, entre outros. Childe, conjugou esses modelos (como o da seriação) com a *Kulturkreislehre* (teoria dos círculos culturais), de tradição alemã. As suas propostas – em conjunto com as de Gustaf Kossina ² – dariam lugar à conceção da primeira corrente teórica em Arqueologia, vulgarmente designada de histórico-cultural, que nos proporia um modelo de “cultura” com base no registo arqueológico, nas palavras de Childe: “the material expression of what today would be called a people” (CHILDE, 1929: v-vi).

² Nas primeiras obras de Childe, nota-se uma evidente influência de Gustaf Kossinna. Não obstante, Childe sempre discordou deste em relação a um tema que não é menor: a associação de raça com cultura arqueológica. Para Childe, só quando a cultura material surge associada com restos osteológicos de uma fisiologia específica poderíamos aventurarmo-nos a substituir “pessoas” pelo termo “raça” (CHILDE, 1929: vi).

Willard Libby, por outro lado, apesar de não ter um interesse específico em Arqueologia, acabaria por ter forte influência sobre a mesma através da descoberta do Carbono 14 (aproximadamente duas décadas depois das principais propostas de Childe), método de datação que revolucionaria completamente as abordagens tradicionais, tais como as propostas para a emergência de civilizações baseadas na teoria difusionista do *Ex Oriente Lux*, colocando em causa datas e a antiguidade de vários locais... a Arqueologia não mais se desprenderia desta e de outras possibilidades científicas.

Apesar desta grande transformação, que acaba por demonstrar o papel relevante que as ciências exatas podem ter na Arqueologia, não podemos negar que existia já uma característica, anterior a Childe e a Libby, que fazia antever esta aproximação pluridisciplinar: a sua procura pela descoberta, a necessidade de encontrar algo novo para se afirmar. Se, por um lado, esta característica foi associada a aspetos negativos do passado da disciplina, tais como o saque, a busca de elementos preciosos, a utilização de métodos de escavação sem critério – elementos que nos levam a pensar principalmente em Heinrich Schliemann, mas que eram recorrentes nos arqueólogos desde o século XVII até meados do século XX –, por outro, criaram as condições para que o arqueólogo se tornasse num perito em pormenores, um observador atento das alterações no terreno, das variações nos estratos, das suas nuances, texturas e cores, procurando compreender melhor a ligação entre o ambiente e os objetos encontrados; tentando, de alguma forma, criar uma teia de relações entre o ambiente, os artefactos e as pessoas que habitaram ou deixaram a sua marca no local. Esta reflexão sobre o trabalho do arqueólogo encontra eco nas propostas de Bruno LATOUR (1993, 2000), quando propõe uma Antropologia simétrica. Resumidamente, uma proposta para estudar a relação entre seres humanos e objetos de uma forma proporcional, na qual ambos estejam presentes no estudo em um mesmo plano (LATOUR, 2000: 20).

Esta ideia de igualdade ou equilíbrio apresentada por Latour parece ser fascinante para o estudo da cultura material e, em particular, para a Arqueologia. É assim compreensível que, na atualidade, alguns arqueólogos tenham proposto uma abordagem às teorias de Latour, propondo uma Arqueologia simétrica (OLSEN, 2007; WEBMOOR, 2007; WITMORE, 2007). A perspectiva simétrica tem sido também usada para propor uma emancipação da Arqueologia em relação à teoria social, visando deixar de ser apenas uma ouvinte e tornar-se uma participante, em pé de igualdade com as outras ciências (OLSEN, 2012a: 73).

Os dois principais aspectos que mais se destacam e, a meu ver, demonstram a relevância da Arqueologia nos estudos da cultura material contemporânea são os seguintes: a questão da durabilidade dos artefactos e a experiência que a Arqueologia apresenta na observação dos mesmos. No que diz respeito à primeira questão, todos concordamos que os materiais, sem ação humana, seriam estáticos e imóveis; a sua mobilidade, mutação e independência dos seres humanos ocorrem juntamente com a sua durabilidade ao longo do tempo, como indicaria Ian HODDER (2012: 4), numa reformulação do seu pensamento textualista. Quanto à segunda, devemos considerar toda a tradição que a Arqueologia apresenta como uma disciplina das coisas, capaz de fotografar, desenhar, medir e, em tempos recentes, estudá-las com os métodos das ciências exatas – utilizando a Química e a Física, por exemplo – e das ciências sociais e humanas. É sobretudo a esta noção que o livro de OLSEN *et al.* (2012) é dedicado, ou seja, a Arqueologia estará sempre presente na investigação sobre a cultura material porque é, na sua essência, a disciplina das coisas... uma objetologia e não apenas uma disciplina que se dedica aos períodos ou culturas sem o uso da escrita.

Esta relação simbiótica entre o presente e o passado está muito presente na Arqueologia contemporânea (THOMAS, 1996). Como Gavin LUCAS (2004: 117) defende, a Arqueologia é uma atividade materializadora, não só porque funciona com coisas materiais, mas também porque se materializa; traz coisas novas para o mundo, reconfigurando-o. Esta reconfiguração é feita através de um processo de diálogo com o presente “inconstituído”, isto porque as coisas novas que os arqueólogos trazem ao mundo não são propriamente novas, uma vez que já existiram no passado e, outrora esquecidas, são agora reconhecidas. Os objetos que a Arqueologia descobre vêm à existência no exato momento em que são desenterrados.

Em *Archaeology and Modernity* (2004), Julian Thomas tenta compreender as origens da Arqueologia e a sua fundamentação no quadro do pensamento do período moderno, constituindo-se na necessidade que a sociedade ocidental tem de procurar a verdade, indagando sobre o

passado, sobre o interior, sobre as profundezas do ser. Curiosamente, essa analogia foi explorada por Sigmund Freud, que era um seguidor das novidades arqueológicas e também um ávido colecionador de objetos da Antiguidade. Na sua opinião, o método arqueológico é uma boa analogia para compreender como revelar as camadas ocultas do passado que assombram o presente (THOMAS, 2004: 119). No entanto, a Arqueologia, mais do que um simples recuperador e apaziguador do passado, acaba por atuar como um negociador entre tempos, o que, mais do que resgatar e compreender o passado, introduz antiguidades no presente, transformando esse presente; sendo que a perturbação que pode ser causada pelos objetos arqueológicos não é o horror ou o medo do passado, mas o reconhecimento da condição temporal do presente (LUCAS, 2004). O mundo em si, como um grande objeto, está em mutação, nas suas formas – objetos do quotidiano, casas, meios de transporte, paisagens, etc. – e na forma como os vemos (GOSDEN, 2005: 209). Essa transformação é observada no presente, através da durabilidade em formas que permaneceram (objetos), intactas, transformadas ou readaptadas ao presente; conseqüentemente, não podemos compreender a Arqueologia como uma ciência do passado (como o seu nome, *arkhaios*, poderia indicar), ou pelo menos não o é como de um ponto de vista histórico. O passado da Arqueologia perdura, não deixou de existir como o passado historiográfico; materializa-se no presente através de artefactos, que são estudados por arqueólogos em contacto direto com o passado no presente (OLSEN, 2012b: 26).



FIG. 2 – Casa abandonada na aldeia, também ela abandonada, de Fontão, Loriga, Serra da Estrela.

Foto: Gonçalo de Carvalho Amato, junho de 2020.

A Arqueologia articula-se entre as ciências sociais e naturais, uma disciplina com uma componente prática (relacionada com os processos de escavação, datação, preservação e análise físico-química dos componentes dos artefactos) e uma componente teórica (os processos de interpretação destes mesmos artefactos, a sua valorização, e mesmo as abordagens estratégicas do processo de escavação). Do meu ponto de vista, esta capacidade da Arqueologia de se enquadrar em ramos tão opostos da Ciência é, sem dúvida, muito útil no panorama atual do estudo da relação entre seres humanos e objetos. A sua característica de ser uma disciplina anfíbia, quase híbrida, é ideal para lidar com esta relação simétrica entre objetos e pessoas, mediando a mente com a matéria. Como já referimos neste texto, LATOUR (1993 e 2000) propõe colocar objetos e pessoas em pé de igualdade. Até certo ponto, essa igualdade pode ser vista e sentida no preciso momento em que entramos em contacto com a matéria-prima (uma pedra, um pau, um pedaço de barro, etc.), antes do ato de transformação propriamente dito (INGOLD, 2007 e 2010). Neste sentido, devemos resgatar as abordagens da velha escola de *Tchiques et culture*, herdeira de Marcel Mauss, e cujo trabalho se centrou principalmente nos países francófonos, como nos refere LEMONNIER (2012: 16). O estudo dos objetos foi dividido em dois campos: o dos estudos de cultura material e o das tecnologias culturais, a maior parte das vezes sem qualquer ligação entre eles. A relação entre o estudo dos processos técnicos e as cadeias operatórias está tão intimamente ligada ao mundo francófono que, atualmente, o termo utilizado no mundo anglófono ainda é francês: *chaîne opératoire*. Digamos que este ramo do estudo de materiais permaneceu confinado ao mundo francófono (onde também perdeu dinamismo), uma vez que, durante muito tempo (no apogeu do estruturalismo e pós-estruturalismo), não era atraente estudar os materiais no seu domínio em bruto, sem os componentes mais atrativos da cultura: magia, religião e simbolismo. André Leroi-Gouhran foi talvez a exceção ao tentar ligar cultura e técnicas (LEROI-GOUHRAN, 1971). Se queremos, efetivamente, estar no mesmo plano que os objetos, devemos dedicar maior atenção ao ponto em que ambos estão num processo de construção mútuo; o ato da manufatura do objeto, justamente quando a técnica atua como mediadora entre mente e matéria. Como nos propõe Nathan SCHLANGER (1994), quando nos referimos à mente, não estamos

apenas ante uma mente pensante (*thinking mind*), também temos uma mente que faz (*doing mind*); o pensamento não é somente um processo abstrato e relacionado com o material, também ocorrem situações em que atua mecanicamente e respondendo a estímulos do próprio contacto com os objetos. A importância do hábito (*habitus*), como nos indica Bourdieu, baseia-se numa espécie de sentido prático que nos permite antecipar ações, como, por exemplo, quando jogamos algum desporto coletivo e somos capazes de prognosticar o que pode acontecer se tomamos a decisão de realizar uma determinada jogada. É verdade que outros fatores influenciam o surgimento desse *hábito*, como a cultura na qual está inserida a pessoa e a experiência (BOURDIEU, 1994: 23). Situação similar ocorre com o processo de fabricação dos objetos, os artesãos estabelecem esse tipo de relação com os artefactos, muitas vezes sem se darem conta, pois tratam-se de hábitos motores, apreendidos através de uma prática repetitiva, desde muito jovens e consequentemente internalizados (GOSSELAIN, 2000: 192). Como arqueólogo com experiência em trabalhos de Etnoarqueologia, pude constatar estes processos, o modo como oleiras e oleiros têm incorporadas certas ações que funcionam mecanicamente, como um hábito adquirido que demora tempo a ser abandonado e que, apesar de estar relacionado com a mente, custa a ser controlado pela mesma. Como sabemos, não é de um dia para o outro que se começa a escrever com a mão esquerda, quando sempre se escreveu com a direita. Nos últimos tempos, a Arqueologia aumentou o seu conhecimento sobre o estudo do processo técnico de fabrico de artefactos. O conceito de Etnoarqueologia introduzido por Lewis Binford foi reformulado,



FIG. 3 – Oleira mapuche em Divulko I, Lumaco, Chile, a manufaturar uma peça de barro.

Foto: Jaume Garcia Rosselló, outubro de 2011.

abandonando o seu carácter de observação com um objetivo comparativo e explicativo dos processos, para avançar para outro, mais centrado na observação, sem intervenção, procurando uma compreensão dentro do *modus vivendi* dos grupos estudados. Desta forma, o objetivo é contribuir para a reflexão sobre as ligações existentes entre a cultura material e as dinâmicas sociais, tal como proposto por autores como GOSSELAIN (2000), DAVID e KRAMER (2001) e GONZÁLEZ-RUIBAL (2005).

Os estudos de cultura material tendiam a concentrar-se mais em objetos de carácter artístico ou naqueles que apresentam características mais apelativas, negligenciado a componente técnica dos artefactos, que os torna funcionais ou quotidianos. No entanto, a fronteira entre o artístico e o funcional é bastante permeável, como foi demonstrado, por exemplo, pela transformação artística do urinol de Marcel Duchamp. Como comenta Carl Knappett, na sua análise das obras de Gell, Bonnot e Genette com ênfase na dicotomia objeto artístico/objeto mundano, ambos os tipos de objetos (funcionais e artísticos) podem ser entendidos da mesma forma, porque, segundo os autores acima referidos, o seu significado não opera de forma diferente, uma vez que, fundamentalmente, o que está a ser apreciado na obra de arte é o processo técnico, a agência/ação de outra pessoa, o artista (KNAPPETT, 2005: 128). Neste contexto, mente, ação (gesto técnico) e matéria são três aspetos fundamentais e inseparáveis para a compreensão da cultura material (IDEM: 133). Pode um arqueólogo, por exemplo, falar sobre uma peça de cerâmica sem conhecer minimamente os processos de fabricação da mesma?

A FECHAR

Discutimos muito neste texto a relação da Arqueologia com estudos de cultura material; por razões de espaço, fizemo-lo de forma sucinta. O quadro atual parece indicar que há, uma vez mais, um interesse genuíno no estudo da própria matéria, nas suas propriedades materiais – textura, peso, forma (INGOLD, 2007: 14) – e a sua ação e comunicação silenciosa e sem texto (OLSEN, 2003: 100). A gama de estudos também se alargou, e já não são apenas os objetos de arte ou o património monumental que importam, cada vez mais também são valorizados os objetos mundanos e quotidianos (OLSEN, 2012a; LEMONNIER, 2012).

A Arqueologia – tendo já superado o seu estigma como disciplina do antigo, do saber histórico – apresenta argumentos fortes para encarnar na prática as propostas teóricas sobre relação entre o ser humano e os objetos. Em primeiro lugar, porque para nós (arqueólogos) os objetos aparecem sempre silenciosamente, não estão em uso ou em comunicação direta, simbólica ou funcional com a nossa sociedade atual; em segundo lugar, o nosso campo de estudo é composto principalmente por objetos mundanos, peças partidas e deterioradas; em terceiro lugar, porque a interpretação que fazemos destes achados fragmentados, corresponde a uma rede, uma trama de informações relacionadas com a localização do

objeto/fragmento, a sua relação com outros objetos de estruturas e, por último, atuamos inexoravelmente como intermediários neste processo relacional entre o artefacto e o humano. Este aspeto é fundamental, o arqueólogo acaba por ser a(s) linha(s) que interliga(m) a(s) rede(s) de ações e escolhas que explicam a relação entre humanos e artefactos.

Qual pode vir a ser então o futuro da Arqueologia: uma ciência dos objetos, que rompe as barreiras temporais, tal como alguns arqueólogos simétricos sugerem (OLSEN *et al.*, 2012)? Terá essa perspetiva viabilidade caso se mantenha uma “leitura” dos objetos, hermética, sem uma aproximação às pessoas e desligada da realidade contemporânea? Penso sempre num sentido formativo, nos campos que a Arqueologia poder abrir para aqueles que a estudaram e que queiram ir mais além do exercício de escavação e inventário dos achados. O seu futuro, a meu ver, estará no seu papel enquanto intermediária entre a criatividade e a materialidade, integrando a pluralidade dos conceitos atuais de cultura material: matéria, simbolismo, agência, valorização, durabilidade, sensação, funcionalidade, arte e imaginação. O uso cada vez mais frequente de novas tecnologias e técnicas de caracterização dos materiais, menos destrutivas, estabilizam também a Arqueologia enquanto disciplina pluridisciplinar para o estudo da cultura material.


A influência de um pensamento arqueológico integrado tem sido notória no desenvolvimento de trabalhos sobre Património (CARMAN, 2002 e SMITH, 2006), museus (HICKS, 2020), Antropologia (LEMONNIER, 2012) e de desenvolvimento comunitário (VILLAGRAN e CASTRO, 2003). É possível tornar a Arqueologia uma disciplina criativa em Portugal? Contornar a dinâmica de apenas “um especialista” por período, no qual apenas têm sucesso aqueles que se deixam ser seus discípulos? Será que ainda se vai a tempo de democratizar os sítios arqueológicos, que são feudos deste ou daquele, e a excessiva idealização da escavação? O caminho é longo, somos um país pequeno, corporativista³ e com pouco dinheiro, tudo características prejudiciais para uma disciplina de margens como a Arqueologia, mas é um caminho que terá de ser feito – sobretudo nas universidades –; caso contrário, e pelo caminho atual, existe a possibilidade de que esta disciplina se torne numa espécie de colónia de férias (para a maioria dos jovens que entrem neste curso universitário e que passam os seus melhores anos em escavações de verão) ou num divertimento remunerado (para aqueles poucos que chegam a professores universitários e bebem as suas águas *Perrier* enquanto outros escavam ao sol).

A meu ver, seria importante refletir sobre esta idealização da disciplina, esta ideia de aventureirismo, de trabalho no meio da natureza, de preferência em lugares inóspitos, que cada vez são menos frequentes. Na atualidade, a Arqueologia ocorre sobretudo em ambiente urbano (fundamentalmente em obras), nos

³ O livro de Rui Gomes COELHO (2018) demonstra bem os constrangimentos do corporativismo na Arqueologia portuguesa e as suas consequências ainda latentes, particularmente no meio académico.

museus e na patrimonialização de um bem. Parece-me, assim, necessário mudar o paradigma do ensino da Arqueologia, estando este mais atento às circunstâncias atuais, preparando e formando os estudantes para a realidade. Faço assim minhas as palavras de Alfredo González-Ruibal que, em resposta à questão sobre que conselhos dar aos futuros arqueólogos, respondeu o seguinte: “*recuerdo que cuando estudiaba la carrera un catedrático de arqueología dijo en clase que para ser arqueólogo no hacía falta ser inteligente. Tenía razón si se refería al tipo de arqueología*

que él proponía, pero no a la arqueología en general. La mejor forma de pensar la disciplina es como algo realmente difícil: un reto intelectual. No se trata de desanimar, sino de animar: sed ambiciosos intelectualmente, no caigáis en la autocomplacencia, planteaos cuestiones complejas (que no son necesariamente las que están de moda), no os contentéis con hacer arqueología simple” (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2015: 217)

É preciso continuar a insistir, pois, tal como exemplifica George DUBY (1992) relativamente ao futuro da História, a Arqueologia continua... 

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre (1994) – *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil.
- CARMAN, John (2002) – *Archaeology and Heritage. An Introduction*. London / New York: Continuum.
- CARVALHO-AMARO, Gonçalo de (2013) – “Da matéria à materialidade: breves reflexões sobre a relação da arqueologia com a cultura material”. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 18: 21-27.
- CARVALHO-AMARO, Gonçalo de (2014a) – “El acercamiento interdisciplinario a la cotidianidad, la historia de los objetos a través de la arqueología. A propósito de *Archaeology. The discipline of things*”. *Historia (Santiago)*. Universidad Católica de Chile. 47 (1): 159-168. Disponível em <https://bit.ly/3SQOhDA>.
- CARVALHO-AMARO, Gonçalo de (2014b) – “La arqueología en sí misma: objetos, memorias y simetrías. (Una revisión (a)simétrica de dos propuestas de Olsen)”. *Materialidades. Perspectivas en Cultura Material*. Universitat de les Illes Balears. 2: 2-22. Disponível em <https://bit.ly/3CbgDm6>.
- CARVALHO-AMARO, Gonçalo de (2017) – “La Arqueología como un puente entre mente y materia”. In CARVALHO-AMARO, Gonçalo de; GOMÉZ VILLAR, Joseph e SANFUENTES ECHEVERRÍA, Olaya (eds.). *La Trama de los Objetos*. Santiago de Chile: Ril Editores, pp. 20-42.
- CHILDE, Vere Gordon (1929) – *The Danube in Prehistory*. Oxford: Oxford University Press.
- COELHO, Rui Gomes (2018) – *O Arqueólogo Cordial*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- DAVID, Nicholas e KRAMER, Carol (2001) – *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DUBY, Georges (1992) – *A História Continua*. Lisboa: Edições Asa.
- GELL, Alfred (1996) – “Vogel’s Net: Traps as Artworks and Artworks as Traps”. *Journal of Material Culture*. Sage Journals. 1 (1): 15-38.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo (2005) – “Etnoarqueología de la cerámica en el Oeste de Etiopía”. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: Csic. 62 (2): 41-66. Disponível em <https://bit.ly/3dEgQ7i>.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo (2015) – “Conflicto, violencia, ética y arqueología: entrevista con Alfredo González Ruibal”. *ArqueoGazte*. Vitoria-Gasteiz: Asociación Akkeogazte. 5: 209-217. Disponível em <https://bit.ly/3QAp6nl>.
- GOSDEN, Chris (2005) – “What do Objects Want?”. *Journal of Archaeological Method and Theory*. Springer. 12 (3): 193-211. Disponível em <https://bit.ly/3dC00pz>.
- GOSSELAIN, Olivier P. (2000) – “Materializing Identities: an African Perspective”. *Journal of Archaeological Method and Theory*. Springer. 7 (3): 187-217. Disponível em <https://bit.ly/3QDPxlm>.
- HICKS, Dan (2012) – “The Material-Cultural Turn: event and effect”. In HICKS, Dan e BEAUDRY, Mary C. (eds.). *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 24-98.
- HICKS, Dan (2020) – *The Brutish Museums. The Benin Bronzes, Colonial Violence and Cultural Restitution*. London: Pluto Press.
- HODDER, Ian (2012) – *Entangled. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. Chichester, England: Wiley-Blackwell.
- INGOLD, Tim (2007) – “Materials against Materiality”. *Archaeological Dialogues*. Cambridge University Press. 14 (1): 1-16.
- INGOLD, Tim (2010) [2007] – “The Textility of Making”. *Cambridge Journal of Economics*. Cambridge University Press. 34 (1): 91-102.
- KNAPPETT, Carl (2005) – *Thinking through Material Culture. An Interdisciplinary Perspective*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- KOSSO, Peter (1991) – “Method in Archaeology: Middle-Range Theory As Hermeneutics”. *American Antiquity*. JSTOR. 56 (4): 621-627.
- LATOUR, Bruno (1993) – *We Have Never Been Modern*. Cambridge: Harvard University Press.
- LATOUR, Bruno (2000) – “The Berlin Key or How to Do Words with Things”. In Graves-Brown Matter, P. M. (ed.). *Matter, Materiality and Modern Culture*. Londres: Routledge, pp. 10-21.
- LEMONNIER, Pierre (2012) – *Mundane Objects: Materiality and Non-Verbal Communication*. London / New York: Routledge.
- LEROI-GOUHRAN, André (1971) [1965] – *El gesto y la palabra*. Caracas: Ediciones de la Universidad Central de Venezuela.
- LUCAS, Gavin (2004) – “Modern Disturbances: on the Ambiguities of Archaeology”. *Modernism/Modernity*. Project Muse, Johns Hopkins University. 11 (1): 109-120.
- OLSEN, Bjørnar (2003) – “Material Culture after Text: Re-Membering Things”. *Norwegian Archaeological Review*. Taylor & Francis. 36 (2): 87-104.
- OLSEN, Bjørnar (2007) – “Keeping Things at Arm’s Length. A Genealogy of Asymmetry”. *World Archaeology*. Taylor & Francis. 39 (4): 579-588.
- OLSEN, Bjørnar (2012a) – “O Regresso das Coisas e a Selvajaria do Objeto Arqueológico”. In PEREIRA, Godofredo (ed.). *Objetos Selvagens*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, pp. 71-83.
- OLSEN, Bjørnar (2012b) – “After Interpretation: Remembering Archaeology”. *Current Swedish Archaeology*. Svenska Arkeologiska Samfundet. 20 (1): 11-34. Disponível em <https://bit.ly/3AsRa6x>.
- OLSEN, Bjørnar; SHANKS, Michael; WEBMOOR, Timothy e WITMORE, Christopher (2012) – *Archaeology: The discipline of Things*. Berkeley: University of California Press.
- SCHLANGER, Nathan (1994) – “Mindful Technology: Unleashing the *chaîne opératoire* for an archaeology of mind”. In RENFREW, Colin e ZUBROW, Ezra B. W. (eds.). *The Ancient Mind: Elements of Cognitive Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 143-151.
- SMITH, Laurajane (2006) – *Uses of Heritage*. London / New York: Routledge.
- THOMAS, Julian (1996) – *Time culture and identity: an interpretative archaeology*. London / New York: Routledge.
- THOMAS, Julian (2004) – *Archaeology and Modernity*. London / New York: Routledge.
- VILLAGRÁN, Carolina e CASTRO, Victoria (2003) – *Ciencia indígena de los Andes del norte de Chile*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria.
- WEBMOOR, Timothy (2007) – “What ‘about One More Turn after the Social’ in Archeological Reasoning? Taking Things Seriously”. *World Archaeology*. Taylor & Francis. 39 (4): 563-578.
- WITMORE, Christopher (2007) – “Symmetrical Archaeology: Excerpts of a Manifesto”. *World Archaeology*. Taylor & Francis. 39 (4): 546-562.

[todas as ligações à Internet apresentadas estavam activas em 2022-09-09]